



## O LIVRO DE JÓ (ANA): LITERATURA E RELIGIÃO EM **PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM** DE CLARICE LISPECTOR



Juliana Gervason DEFILIPPO\*

### RESUMO

Este texto pretende traçar um paralelo entre o **Livro de Jó**, presente no Antigo Testamento, e **Perto do Coração Selvagem** primeiro livro publicado pela escritora Clarice Lispector. Nesta direção, o estudo relacionará Literatura e Religião, procurando encontrar no discurso de Clarice Lispector a construção de uma experiência religiosa a partir da personagem Joana. Para a abordagem do conceito de experiência, partiremos das definições propostas por Leonardo Boff em seu livro **Experimentar Deus**.

Palavras-chave: Literatura; Religião; Experiência de Deus; Clarice Lispector.

### O LIVRO DE JÓ(ANA)<sup>1</sup>

Por que me fizeste alvo dos teus dardos?  
Por que a mim mesmo me tornei pesado?  
Jó 7,20

O que deve fazer alguém que não sabe o que fazer de si?

Clarice Lispector

Jó é o personagem bíblico que mais questiona Deus e, talvez, o mais conhecido por seus conflitos e suas angústias, quando aflige-se ao perceber que está perdendo todos os seus bens materiais, além dos filhos e da própria saúde. Cabe ressaltar aqui que há, dentro da literatura religiosa, duas vertentes de leitura para o livro de Jó, uma vez que há diferenças consideráveis entre o texto que se apresenta em prosa e o que se apresenta em versos. De acordo com o pesquisador

\* Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora Titular do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

<sup>1</sup> Este texto é um recorte da tese de doutorado "Clarice Lispector e a aventura maior: as faces literárias de Deus" defendida em 2011 na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

bíblico Samuel Terrien, em seu estudo sobre **O livro de Jó**, o texto em prosa seria mais ameno e o Jó nele apresentado um homem menos colérico e questionador. Já no poema, Jó se mostra rebelde, orgulhoso, opondo-se a uma divindade tirânica e caprichosa. Assim, por conta dessas diferenças, Terrien irá afirmar que “a narração não chegou até nós em sua forma integral, mas sofreu cortes bastante consideráveis”, prevalecendo um Jó plácido (TERRIEN, 1994, p. 23).

O estudo de Terrien confronta as duas partes, apresentando uma elucidativa leitura a respeito do texto bíblico. Para nossa breve análise agora apresentada, que propõe uma aproximação entre Jó e Joana, adotamos tanto o estudo de Terrien (que apresenta as distintas versões em prosa e em verso do livro de Jó) quanto o **Antigo Testamento** presente na **Bíblia** editada, traduzida e comentada por vários tradutores da editora Vozes em sua 50<sup>o</sup> edição, publicada no ano de 2005.

No livro de Jó, o personagem encarna uma humanidade sofredora que se volta para Deus esperando uma resposta e um sentido para a vida. De acordo com Terrien, ele é inocente de todos os crimes possíveis e é apresentado como o modelo supremo da fé, da piedade e do caráter moral de um ser humano (TERRIEN, 1994, p. 22). O livro, em outros termos, considera como questão principal questionar por que sofrem os justos. E o silêncio, assim como a presença de Deus, oprime este sofredor. Depois de todo o padecimento e desespero, Jó dirige-se para Deus e arrepende-se, entoando uma prece que é um pedido de perdão e um sinal de compreensão.

**O livro de Jó** é considerado como um poema dramático-religioso que discute o tema universal da transformação do homem e aborda o conflito entre Deus e Satanás<sup>2</sup> para provar a fé deste homem. Presente no **Antigo Testamento** e integrante da terceira parte intitulada **Os Livros Sapienciais**, o livro de Jó conta com um prólogo; vários discursos de Jó e seus amigos – intercalando-se entre os capítulos 4 a 37; e, a partir do capítulo 38, a resposta de Deus e o diálogo entre os dois.

---

<sup>2</sup> De acordo com o **Antigo Testamento**, o Satanás a que se refere o livro de Jó não é, ainda, o da concepção cristã. Trata-se aqui apenas de um adversário de Deus, representado por este termo hebraico que significa *há-satam*, ou seja, um substantivo comum e não um nome próprio. E neste caso, a palavra tem o significado de “o adversário”.

Neste livro bíblico, Jó tem seus bens (tanto materiais quanto físicos) reduzidos a nada; tem sua força e sua atitude questionadas pela esposa e pelos próprios amigos e, principalmente, sente-se abandonado por um Deus que não só acredita como respeita e é fiel. O sofrimento de Jó faz-se de maneira veemente e indisceptável durante todos os capítulos do livro e, ao final, Deus aparece para não só devolver-lhe em dobro tudo o que lhe foi tirado como para reafirmar sua sorte. Este, restaurado de todo o tormento a que foi exposto, retorna mais abençoado e protegido por Deus do que fora no princípio. A restauração de Jó simboliza a perspectiva da esperança humana, mostrando que o bem é mais forte do que o mal, e o destino final do ser humano não é o padecimento, mas a prosperidade ao lado de um Deus virtuoso.

Jó é Joana, a primeira personagem clariceana, presente no romance de estreia **Perto do Coração Selvagem**, publicado no ano de 1943. Ambos realizam um movimento de aproximação e afastamento de Deus que é significativo para a construção da(s) Sua(s) face(s), aqui analisada(s).

A Bíblia atesta que Jó foi uma pessoa real; era um homem gentil, rico e levava um estilo de vida siminômade. De acordo com os capítulos 1 e 2, Satanás desafia Deus a testar a piedade de Jó. Deus aceita o desafio para provar a fé do homem, tirando-lhe não só a riqueza, mas a família e a saúde. Sua esposa – a primeira pessoa a encontrá-lo – o desengana e blasfema contra Deus, abandonando Jó sozinho e doente. Três amigos o visitam e ficam impressionados com sua deplorável condição, permanecendo a seu lado durante sete dias. A maior parte do livro é composta por três diálogos entre Jó e Zofar, em que a questão principal é questionar seu estado e, conseqüentemente, o abandono por parte de Deus. Os três amigos acabam por concluir que seu sofrimento é fruto de seus pecados cometidos. Alternando o diálogo com os amigos, Jó demonstra toda a sua dor perante tão opressora fúria divina, questionando Deus e amaldiçoando-se em vários momentos. Em seguida, Jó recebe a visita de Eliú que apela para que ele tenha verdadeira fé em Deus e mude sua atitude para uma atitude de humildade. A fala de Eliú é das mais elucidativas e crentes do livro, uma vez que, em defesa de Deus, ele desconstrói todo o discurso deficiente dos outros interlocutores de Jó.

Deus, finalmente, responde aos questionamentos de Jó dentro de um remoinho; sua resposta não é uma explicação para os sofrimentos, mas uma série

de perguntas. Ao término deste diálogo, Jó mostra-se arrependido por alguns questionamentos lançados e ergue-se como homem perante Deus, recebendo de volta todos os seus bens e uma sorte ainda melhor.

Assim, composto de perdas, questionamentos, fúria e ganhos, **O livro de Jó** certifica a existência de um personagem bíblico que questiona Deus, colocando-se não mais abaixo, mas ao lado, uma vez que nada tem mais a perder.

Essa é Joana de **Perto do coração selvagem**, uma criança que preenche seus dias com brincadeiras de “fazer existir” e que, de acordo com sua tia, possuía a maldade no coração.

Quando menina perdeu a mãe – uma mulher obscura e desconhecida até mesmo para seu marido. A falta de uma presença feminina na casa de Joana torna seu pai um desajeitado homem tentando educar uma criança. Enquanto sua mãe “morreu assim que pôde” (LISPECTOR, 1998, p. 28), seu pai a deixou também nova, restando à tia os cuidados da órfã. A perda do pai e da mãe é, portanto, sentida ainda na infância e a menina, que era uma já deslocada em sua própria casa, torna-se uma estranha na casa dos tios que a recebem.

Nos capítulos referentes ao passado (“O PAI...”, “... A MAE...”, “... A TIA...”) ou nos que narram o presente da mulher Joana (“O dia de Joana” e “Alegrias de Joana”) fica evidente uma brincadeira muito comum exercida pela personagem: a de fazer as coisas existirem apenas com o pensamento. Ou seja, Joana torna real aquilo que lhe é desconhecido pelo campo da visão, possível apenas no campo da ideia. Desde criar um poema que fala de minhocas que existem – mas que ela não vê – até a constatação de que tudo é um, Joana exercita uma constante reflexão sobre as coisas ao seu redor. O que parece é que a menina tem uma urgente necessidade de não acabar com o mistério das coisas, mas em saber de sua existência, não a revelando. O que talvez explique o fato de em alguns momentos do livro ela se referir a Deus como algo que existe próximo a ela e, em outros momentos, de algo que existe afastado dela.

Na escola, Joana se apega a um professor, por quem desenvolve amor platônico. Suas visitas a casa dele são rotineiras, mas ao perceber que não conseguiria vencer a beleza e a presença da esposa deste homem, Joana desiste humilhada pelas tentativas de conquistá-lo. Trata-se de uma perda importante para

uma adolescente, pois sofre sua primeira decepção amorosa e enfrenta sua primeira oponente feminina.

A evidência de que Joana era diferente, nascera para a maldade e era uma menina sem Deus, transformou sua relação com a tia em uma situação inviável, até que decidem enviá-la para um internato. Perdera os pais, a casa da infância, seguido da perda dos tios – ainda que sem sofrimento – e da nova residência. Fica clara a dificuldade de Joana em criar um vínculo, em pertencer a algum lugar<sup>3</sup>.

Já adulta conhece Otávio, com quem se casa e logo o leitor é apresentado a uma nova perda: seu marido tem uma amante, Lídia. Novamente Joana é incapaz de manter um vínculo amoroso sem que tenha que enfrentar uma disputa da qual não sairá vencedora. A vida de Joana, já no presente da obra, é confusa e frágil. Ciente da infidelidade do marido e questionando seus próprios fracassos, a personagem decide procurar o professor, anos depois, a fim de recuperar algum referencial. O que encontra, para sua tristeza, é a imagem de um homem decadente, abandonado pela esposa e dependente de outras pessoas. Joana perde agora a sua referência primeira.

No êxodo ao qual somos apresentados, os caminhos de Joana parecem se construir de situações limites, onde ela é testada a todo o momento, como o personagem bíblico Jó. Parece insuficiente que Ihe tirem uma coisa apenas, parece precário seu sofrimento intenso; cada capítulo apresentado na obra é para nos informar de algo ao qual ela se apega e não mais possuirá. O que se mostra interessante, no entanto, é que a personagem não desenvolve nenhuma fúria contra Deus ou o mundo. Ela recebe com placidez – ainda que questionando – cada situação em que Ihe é tirado algo. Ao lado destes momentos, há uma constante referência à figura de Deus, chamando-O à sua obrigação, pedindo que minimize a dor intensa. Nestes momentos, fica claro que, para a personagem, Deus existe e pode se aproximar a qualquer momento; é clamado quando necessário e mantém-se onipresente e onipotente.

---

<sup>3</sup> “Não pertencço a nenhum lugar, nenhum lugar me quer” é uma frase de Clarice, escrita em carta a seu amigo Fernando Sabino, quando esta referia-se a sua constante necessidade de mudar por conta da profissão do marido. Parece ser a sina não só das personagens de Clarice – como se verá nos estudos aqui apresentados – como da própria escritora. (SABINO, Fernando. **Cartas perto do coração**. Rio de Janeiro: Record, 2001).

Enquanto reza para Deus, a personagem toma a consciência de que precisa, também, rezar para si mesma. Este movimento (da prece dirigida primeiro ao eu, depois a Ele e, por último, novamente ao eu) se repetirá em outras obras (como **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**), mas não de forma tão intensa quanto em **Perto do Coração Selvagem**. No momento máximo de tensão da obra, quando a personagem não pode contar com mais ninguém e precisa se redescobrir, o “deus externo” não pode e não deve ser chamado, pois só assim o “deus interno” irá emergir. No entanto, no caso de Joana este “deus interno” ainda não será buscado não só por ser perigoso (correndo o risco de a personagem deificar-se – o que lhe é ainda proibido), mas porque o externo se faz suficiente e referencial:

Então começou a pensar que na verdade rezara. Ela não. Alguma coisa mais do que ela, de que já não tinha consciência, rezara. Mas não queria orar, repetiu-se mais uma vez fracamente. Não queria porque sabia que esse seria o remédio. Mas um remédio como a morfina que adormece qualquer espécie de dor. Como a morfina de que se precisa cada vez mais de maiores doses para senti-la. Não, ainda não estava tão esgotada que desejasse covardemente rezar em vez de descobrir a dor, de sofrê-la, de possuí-la integralmente para conhecer todos os mistérios. E mesmo se rezasse... Terminaria num convento, porque para sua fome quase toda a morfina seria pouca. E isto seria a degradação final, o vício. No entanto, por um caminho natural, se não buscasse um deus exterior terminaria por endeusar-se, por explorar sua própria dor, amando seu passado, buscando refúgio e calor em seus próprios pensamentos, então já nascidos com uma vontade de obra de arte e depois servindo de alimento velho nos períodos estéreis (LISPECTOR, 1998, p. 82).

Assim, retomando Terrien sobre **O livro de Jó**, a significação teológica dos dois livros reside fora dos problemas do sofrimento do justo e da teodicéia<sup>4</sup>. Tanto em Jó quanto em Joana, o mistério da justiça divina será discutido, mas este problema também será ultrapassado em ambos propondo uma mostra de que a questão da teodicéia é posta antropocentricamente, ou seja, “o homem não pode arrogar-se o direito de justificar Deus, sem se deificar a si mesmo” (TERRIEN, 1994, p. 58).

Essa busca do “deus exterior”, e por isso ainda institucionalizado, será a redenção de Joana que, após tantas perdas, precisa se sentir segura e protegida.

<sup>4</sup> Teodicéia é um termo empregado, tal como usado por Kant, como sinônimo de Teologia Racional; etimologicamente significa “justificativa de Deus”. Criado no século XVIII por Leibniz, o conceito se relacionava a qualquer investigação cujo fim fosse explicar a existência do mal diante da bondade de Deus. É um ramo específico da Filosofia que se ocupa em provar a existência de Deus através de argumentos racionais.

Mesmo que este Deus, em alguns momentos, se mostre insuficiente para tanta dor, é Ele ainda o seu referencial. Assim como Jó, Joana, consciente de que Deus é o culpado de suas perdas, ainda recorre a Ele para recuperar o que se foi. E, ao recorrer a Deus, percebe-se em frágil situação de isolamento, abandonada não só pelos homens, mas também pela divindade. Retornando ao argumento de Terrien sobre Jó, Joana está metafisicamente desenraizada e, se pudesse, rejeitaria a divindade de seu horizonte consciente (TERRIEN, 1994, p. 47). O teólogo e teórico Leonardo Boff, a este respeito, assegura que num primeiro momento, principalmente no plano da linguagem, o ser humano volta-se a princípio às suas referências primeiras. O que lhe foi ensinado, o que lhe foi oferecido pelas instituições e pela sociedade é o que ele irá procurar, afirma o teólogo. Assim, Joana em meio ao turbilhão que a arrebatava, volta-se para Deus. Porque Joana (assim como Jó) não crê em Deus, mas em sua própria concepção de Deus, aspirando encontrá-lo segundo suas próprias regras:

Nada se perde, nada se cria. O homem que sentisse isso, quer dizer, apenas compreendesse, mas adorasse, seria tão feliz como o que acredita realmente em Deus. No começo dói um pouco, mas depois a gente se acostuma (LISPECTOR, 1998a, p. 120-121).

Joana não é feita à imagem e semelhança de Deus, mas sim do diabo. E isso é apontado na obra sem intenção alguma de transgredir ou criar uma não religião. Apresenta-se como uma constatação óbvia de que não somos deuses e nem temos a perfeição de Deus. A tia já percebera na garota a sua inclinação para a maldade, mas como o leitor pode verificar no livro, não há em Joana construção alguma que a transforme em um ser diabólico, tal como atribuído no consciente ocidental. Assim como Jó, Joana é justa e inocente, como ela mesma afirma: “Vinde em meu auxílio que eu não tenho pecados” (LISPECTOR, 1998, p. 200). Neste discurso de Joana, pedir a Deus que “venha” é exponencialmente diferente de dizer “tende piedade de mim”, como se encontra na maioria das preces. Assim, mais uma vez, o discurso de Joana está mais próximo do discurso de Jó, pois ambos não exigem piedade ou se atiram aos braços de Deus em busca de misericórdia. São, sobremaneira, humanos, passíveis de falhas, de dúvidas, de medos e capazes de se erguer quando preciso ou chamar a presença de Deus quando julgarem ser a hora certa.

Como o leitor pode perceber até aqui, o caminho literário da personagem, que em seu êxodo da infância para a vida adulta vai colecionando uma série de perdas, muito se aproxima do caminho bíblico de Jó. Ambos são testados por Deus, e Joana, consciente de que Ele existe e pode recorrer a Ele quando precisar, exerce a sua capacidade de comandar a própria vida, retornado a Ele quando deseja e questionando-O o tempo inteiro. Fazendo, enfim, sua prece, pedindo que Ele não se afaste, exigindo-Lhe não apenas a presença, mas a manutenção do seu papel de Pai, a princípio reclamado com letra minúscula e, ao final, com letra maiúscula:

Fechar os olhos e sentir como uma cascata branca rolar a inspiração. De profundis. Deus meu eu vos espero, deus vinde a mim, deus, brotai no peito, eu não sou nada e a desgraça cai sobre minha cabeça e eu só sei usar palavras e as palavras são mentirosas e eu continuo a sofrer, afinal o fio sobre a parede escura, deus vinde a mim e não tenho alegria e minha vida é escura como a noite sem estrelas e deus porque não existe dentro de mim? por que me fizestes separada de ti? deus vinde a mim, eu não sou nada, eu sou menos que o pó e eu te espero todos os dias e todas as noites, ajudai-me, eu só tenho uma vida e essa vida escorre pelos meus dedos e encaminha-se para a morte serenamente e eu nada posso fazer e apenas assisto o meu esgotamento em cada minuto que passa (LISPECTOR, 1998, p. 198).

A ausência de um “deus interno”, capaz de brotar da própria existência, que não seja despótico, arbitrário ou incompreensível, amotina Joana. Ainda que este deus seja, somente agora, apresentado com letra minúscula, faz parte de uma prece. Se ela está dirigindo esta prece a si mesma – e por isso a desinstitucionalização e desdeificação de Deus – é ainda em si mesma que não poderá atendê-la. E por isso o retorno ao Deus das religiões, identificando-O em seguida com letra maiúscula. Ao voltar-se para dentro à procura de um “deus interno” e não o encontrando, Joana realiza um percurso também jobista, uma vez que ambos, em consequência das perdas empreendidas por Deus, acabam por sair da prisão do eu e contemplam o universo – no caso da personagem clariceana, iniciando, ao final da obra, uma longa e solitária viagem. Se Jó(ana) tivesse o poder de Deus, poderia salvar a si mesma, mas seu poder, por mais vasto que seja nos limites de sua mortalidade, está cercado pelo nada. Parafraseando Terrien, exerça Jó(ana) este poder dentro e fora do seu eu e descobrirá logo sua fraqueza existencial (TERRIEN, 1994, p. 55). Ainda, de acordo com Terrien,

o homem descobre, assim, a fragilidade e a grandeza de sua existência na junção que separa o ser do não-ser e que, ao mesmo tempo, os une. Diante do Ser que ele reconhecia como a fonte e o motor de sua existência, Jó perde o desejo de afirmação de si mesmo. Ele tem então só uma frase a acrescentar: 'sofro no pó e na cinza' (TERRIEN, 1994, p. 301).

Joana não será capaz de encontrar o que não esteja separado dela, de vivenciar a mesma experiência de G.H. ou Lóri, por exemplo. Afinal, ainda que em poucos e circunstanciais momentos da obra ela O negue (realizando o segundo movimento da experiência de Deus, descrito por Boff), o Deus que prevalece dentro da obra e para a personagem é o Deus externo, aquele que está distante da criatura, o Deus esmagador e de quem ela está faminta de comunhão:

Não havia desencanto ainda diante de seus próprios mistérios, ó Deus, Deus, vinde a mim não para me salvar, a salvação estaria em mim, mas para abafar-me com tua mão pesada, com o castigo, com a morte, porque sou impotente e medrosa em dar o pequeno golpe que transformará todo o meu corpo nesse centro que deseja respirar e que se ergue, que se ergue... o mesmo impulso da maré e da gênese, da gênese! o pequeno toque que no louco deixa viver apenas o pensamento louco, a chaga luminosa crescendo, flutuando, dominando (LISPECTOR, 1998, p. 198-200).

Neste momento, já nas últimas páginas do livro, Joana, ao tecer a prece e evocar Deus clamando a sua presença, aproxima-se muito da linguagem dos **Salmos** bíblicos. Os **Salmos**, presentes no **Antigo Testamento** (após **O livro de Jó**) celebram o mistério da salvação conhecido por experiência interior mediante a oração e a reflexão teológica. Eles podem ser divididos em quatro classificações: de louvor; de ação de graças; de lamentação e súplicas; e sapienciais - de acordo com as características que cada um apresenta<sup>5</sup>. Este trecho final da obra **Perto do Coração Selvagem** aproxima-se e muito dos salmos de lamentação e súplica, definidos como salmos que se caracterizam

pela lamentação, acompanhada de prece, sobre o tema do perigo de vida, da opressão do inimigo, ou de outra circunstância aflitiva pessoal. Cômico de sua fragilidade, o homem religioso busca, para libertar-se da angústia, a mão poderosa de Deus misericordioso que, tendo punido o pecador, sabe também sarar as feridas do penitente. Na panorâmica do salmista não entra a eterna bem-aventurança, apenas vislumbrada; ele anseia por feliz

<sup>5</sup> Divisão proposta na edição utilizada para este estudo. A saber: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de Domingos Zamagna et al. Petrópolis: Vozes, 2005.

longevidade na presença de Deus e pela assídua participação na liturgia do Templo, e o pede a Deus em tom de familiaridade confidencial (BÍBLIA, 2005, p. 682).

A aproximação entre as palavras finais de Joana e os salmos de súplica e lamentação individual não se esgota ainda, uma vez que até mesmo os elementos característicos destes salmos podem ser encontrados no texto, a saber:

Invocação de Deus, relato plangente da aflição, confissão de culpa ou declaração de inocência, súplica pela intervenção divina, razões para Deus o livrar, impreciação contra os inimigos, protesto de confiança, promessa de louvor (BÍBLIA, 2005, p. 682).

Ou seja, Joana ao invocar Deus (“Deus meu eu vos espero, deus vinde a mim”), relata sua aflição (“eu não sou nada e a desgraça cai sobre minha cabeça (...) eu continuo a sofrer (...) eu não tenho alegria e minha vida é escura como a noite (...)), declara a sua inocência (“eu não sou nada (...) eu sou menos do que o pó e te espero todos os dias (...) e eu nada posso fazer e apenas assisto o meu esgotamento (...) sou só no mundo (...) sou pequena e pobre”), suplica a intervenção divina (“dai-me o que preciso (...) das profundezas chamo por vós”), explica as razões para Deus se aproximar (“eu não tenho pecados”) e, finalmente, sua promessa de louvor (“Serei leve e vaga como o que se sente e não se entende, me ultrapassarei em ondas, ah Deus, e que tudo venha e caia sobre mim, até a incompreensão de mim mesma em certos momentos brancos porque basta me cumprir e então nada impedirá meu caminho até a morte-sem-medo, de qualquer luta ou descanso me levantarei forte e bela como um cavalo novo”).

Para tornar a relação mais clara, apresentamos um paralelo entre a prece de Joana e exemplos de salmos bíblicos de lamentação e súplica na tabela comparativa abaixo:

	Trechos da prece de Joana em <i>Perto do coração selvagem</i>	Trecho de <i>Salmos</i> de lamentação e súplica
Invocando Deus	Deus meu eu vos espero, deus vinde a mim (...)	<b>Salmos 5</b> <b>1</b> Dá ouvidos às minhas palavras, ó SENHOR, atende à minha

		meditação.
Relatando aflição	eu não sou nada e a desgraça cai sobre minha cabeça (...) eu continuo a sofrer (...) eu não tenho alegria e minha vida é escura como a noite	<b>Salmo 6</b> <b>2</b> Tem misericórdia de mim, SENHOR, porque sou fraco; sara-me, SENHOR, porque os meus ossos estão perturbados. <b>Salmo 22</b> <b>1</b> Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que te alongas do meu auxílio e das palavras do meu bramido?
Declarando inocência	eu não tenho pecados	<b>Salmo 26</b> <b>6</b> Lavo as minhas mãos na inocência; e assim andarei, SENHOR, ao redor do teu altar.
Suplicando a intervenção divina	dai-me o que preciso (...) das profundezas chamo por vós	<b>Salmo 5</b> <b>2</b> Atende à voz do meu clamor, Rei meu e Deus meu, pois a ti orarei. <b>Salmo 130</b> <b>1</b> Das profundezas a ti clamo, ó SENHOR. <b>2</b> Senhor, escuta a minha voz; sejam os teus ouvidos atentos à voz das minhas súplicas.
Explicando a razão para Deus se aproximar	eu não sou nada (...) eu sou menos do que o pó e te espero todos os dias (...) e eu nada posso fazer e apenas assisto o meu esgotamento (...) sou só no mundo (...) sou pequena e pobre	<b>Salmo 88</b> <b>2</b> Chegue a minha oração perante a tua face, inclina os teus ouvidos ao meu clamor; <b>3</b> Porque a minha alma está cheia de angústia, e a minha vida se aproxima da sepultura.
Prometendo louvor	Serei leve e vaga como o que se sente e não se entende, me ultrapassarei em ondas, ah Deus, e que tudo venha e caia sobre mim, até a incompreensão de mim mesma em certos momentos brancos	<b>Salmo 26</b> <b>12</b> O meu pé está posto em caminho plano; nas congregações louvarei ao SENHOR. <b>Salmo 35</b> <b>8</b> E assim a minha língua falará da tua justiça e do

	porque basta me cumprir e então nada impedirá meu caminho até a morte-sem-medo, de qualquer luta ou descanso me levantarei forte e bela como um cavalo novo	teu louvor todo o dia. <b>Salmo 71</b> <b>8</b> Encha-se a minha boca do teu louvor e da tua glória todo o dia.
--	---	---

Em outras palavras, neste tecer um salmo, nesta súplica acompanhada de lamentações e rogos, Joana se aproxima de Jó em sua prece de desespero, clamor e angústia:

Jó respondeu então ao Senhor e disse: Me sei que podes tudo, que nenhum projeto te é impossível. “Quem é esse que ofusca a Providência sem conhecimento de causa”? De fato, falei de coisas que não compreendia, maravilhas superiores a mim, que não entendia. “Escuta-me”, eu disse, “a palavra está comigo, vou te interrogar e tu me instruirás!” Eu te conhecia só por ouvir dizer; mas agora meus próprios olhos te vêem. Por isso, eu me retrato e me arrependo, eu me retrato sobre o pó e a cinza (Jó 42,1-6).

Ambos, enfim, temem a Deus, reconhecendo que Deus é Deus e que o homem não é Deus. Percebem que o homem não pode colocar-se acima Dele ou em Seu lugar. Temer a Deus implica reconhecer que Deus é Deus, e abrir-se para ele, suplicando como os salmistas. Assim como Jó, Joana faz um balanço dramático de sua vida e de sua situação, abarcando o passado e o presente, voltando-se para o futuro. Há, em Joana, uma tentativa falha de se deificar, abolindo Deus, questionando Sua existência, não caindo na ideia Dele. Mas essa deificação cede lugar a uma busca ainda maior e à prece que acabamos de explorar.

Joana inicia o livro com suas perdas, primeiro da mãe que morrera quando ela ainda era muito pequena. Com o pai teve uma convivência equilibrada e feliz e o perdeu também de forma prematura. Órfã, a menina vai morar com os tios, desenvolvendo-se nela uma visão crítica a respeito do relacionamento entre os adultos. Joana é uma criança incomum, o que acaba por criar estranhamento na tia. O roubo de um livro faz com que a menina seja levada para um colégio interno, perdendo, novamente, sua referência de família. Para os tios, Joana parece ter uma tendência para a maldade, o que os assusta. No colégio, é escolhida por um professor que lhe serve de referencial e, ao mesmo tempo, de amor adolescente. Porém, sendo casado, apresenta-se como mais outra perda para a menina.

Desligada do internato, Joana se casa com Otávio, mas seu marido mantinha um relacionamento com outra mulher, Lídia. Embora não se desenvolva uma relação passional com escândalos, Joana encara a situação com passividade, sofrendo mais uma perda. Ao descobrir que Lídia estaria grávida de seu marido, Joana também tenta engravidar, antes de devolvê-lo de vez à amante. Tentativa sem êxito, pois perde o marido e o filho que nem chegou a ter. Depois da separação, Joana se envolve com um desconhecido – a perda da “pertença” – de quem sequer sabe o nome. E depois de alguns encontros fortuitos, larga o que tem e resolve partir para uma viagem – cujo destino sequer é definido para o leitor no final do livro.

Após todas as perdas, a narrativa se encerra com uma grande prece da personagem, um enlaçar de palavras que clamam, questionam e mostram compreensão. Enquanto o Jó bíblico reza e Deus restabelece sua saúde devolvendo-lhe em dobro tudo o que perdera até então, Joana, depois de todo o caminho percorrido durante a obra, também se ergue, “forte e bela como um cavalo novo” (LISPECTOR, 1998, p. 201).

Com esta seleção de trechos que citam Deus, pecado, milagre, e outros aspectos oriundos de um pensamento religioso, podemos perceber que em **Perto do coração selvagem** a questão religiosa não é apenas uma temática superficial. Em alguns casos, é ela quem estrutura o romance assim como a construção do enredo. É um grande tema que persiste sobre os demais e que tece não só a construção microcós mica deste livro, como a tessitura macrocós mica de seu legado literário.

E talvez seja o diálogo entre Literatura e Religião um dos caminhos possíveis para desvendar uma Clarice revelada, ainda não explorada. E compreender, parafraseando Drummond: *que mistérios têm Clarice* quando fala do mistério?

**O LIVRO DE JÓ (ANA):  
LITERATURE AND RELIGIOUSNESS IN **PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM**  
BY CLARICE LISPECTOR**

**ABSTRACT**

The aim of this study is to analyse the books **Perto do coração selvagem** by Clarice Lispector, and the biblical text **O livro de Jó**. In this sense, the study relates literature and religion, seeking to find in the discourse of Clarice Lispector the construction of a religious experience from their character. In order to accomplish this, we divide the referred texts according to the experience adopted by Leonardo Boff in the book **Experimentar Deus**.

Keywords: Literature. Religiousness. Clarice Lispector. Experience of God.

**REFERÊNCIAS**

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

BALANCIN, Euclides M. STORNILO, Ivo. **Como ler o livro do Êxodo**. São Paulo: Paulus, 2008.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de Domingos Zamagna et al. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas**. Campinas: Verus, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. **Cartas perto do coração: Fernando Sabino e Clarice Lispector**. Rio de Janeiro – São Paulo: Editora Record, 2001.

\_\_\_\_\_. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

RAVASI, Gianfranco. **Êxodo**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

STORNILO, Ivo. **O livro de Jó: o desafio da verdadeira religião**. São Paulo: Paulus, 2008.

TERRIEN, Samuel. **Jó**. São Paulo: Paulus, 1994.